

GAZETA DE ESPINHO

Administrado: RUA DEZANOVE, 78 e 80
Redacção: RUA DEZANOVE, 36
ESPINHO

Director: — J. PINTO COELHO

Pela PATRIA e pela REPUBLICA!

Propriedade da Empreza GAZETA D'ESPINHO

Composto e impresso na rua das Carmelitas, 104
Typographia de Francisco J. d'Almeida

— PORTO —

Editor: — Francisco Alves Vieira

memorian

Dr. Manuel Laranjeira

A Gazeta de Espinho, em preito n repassado de sinceridade mesta, quanto é justa e merecida a menagem tributada, dedica estas lunas á memoria querida de Mauel Laranjeira.

Divida sagrada, pobre manifestação de saudade embora, da parte do humilde semanario provinciano, la resulta todavia grande e significativa pela seleccionada colaboração dos bons amigos do saudoso morto.

Pela redacção da Gazeta de Espinho — improba e dolorosa tarefa! — corre-me o dever de gratissimo reconhecimento, que bem impresso fica, aos dedicados amigos de Mauel Laranjeira que de bom grado acederam a este apelo de generosa intenção.

Muito obrigado!

A dor sentida pela perda irreprensível de Mauel Laranjeira, o companheiro inolvidado, só pode diluirse na intima satisfação que se experimenta, ao vê-lo glorificado nesta apoteose singela — no círculo unisono de seus admiradores.

Creio que o sentimento espontâneo que nasce bem do fundo d'alma, numa afetividade inteligente, só poderá exprimir-se em manifestações concretas, indeleveis de verdade e de ca.

intimos de Mauel Laranjeira, tos lograram compreender o do da sua psicologia, ahí examum depoimento insuspeito que saliente a individualidade disto medico, do eruditó, e do fo, do pensador e do poeta, do o e do artista.

Mauel Laranjeira reunia, em sublimado, as mais peregrinas lades de inteligencia viva e rante, de espirito assimilador, ta, raciocinante e sintetico. a frieza do seu suspecto sien- procurava a verdade; na fan- de sua imaginação sentimental trava a ilusão, a chiméra e tal- a mentira!...

rrivel colisão dinamica, em que n sossobrava as organizações de ração mais complexa e perfeita! ranjeira dava a muitos a erra- pressão d'un homem frio, scé- indiferente ao meio social, re- io, até á insensibilidade, ás in- ias de trivial estimulo afetivo. era, porém, no fundo, dum a- ssionabilidade quasi infantil. riá-se até ás lagrimas e tinha o do amôr e da ternura mais ssiva.

ecio-o bem em toda a simpli- da sua alma.

figurado me foi o convívio longa doença.

u e amou. Amou até essa co- resível e banal—a vida. Per- esperança o áto de desalento, decreto impulso de suprema elá, nitido, um gesto de von-

iel Laranjeira, em sua morte ca violencia, já quasi exau- orças fisicas, demonstrou com o logica a sua individuali- inconfundivel — triología de timento, de inteligencia e de stade. Semaventurados os que choram e que sabem morrer!

J. PINTO COELHO.

Teve o Dr. Manoel Laranjeira a no- ticia de se acharem em meu poder as Cartas do P.º Bartholomeu de Quental, legadas pelo seu excuso descendente, o poeta Anthero de Quental á Academia Real das Sciencias de Lisboa; de- sejou elle examinal-as para os seus es- tudos psychologicos em que andava interessado e em que era eximio. N'u- ma digressão a Lisboa, deu-me a hon- ra da sua visita, para a consulta d'es- ses documentos; conversámos, trocámos ideias, e depois da leitura de muitas

mas as suas poesias, tão bellas como as de Anthero, fizeram-me compreender a situação. O seu espirito foi con- taminado por essas ideias pessimistas, que profundamente discutia; culti- vou-as, absorveu-se n'ellas, e, como aconteceu a Anthero de Quental, achou-se no suicidio por essa intoxica- ção determinista do ideal de morte, em que se inspirava e a que dava ex- pressão esthetica.

THEOPHILo BRAGA.

gran patria, este trágico universo, no tiene sentido ni destino alguno e pro- testó de la tragedia de la existencia sumergiéndose en la paz eterna.

La última carta que me escribió fué hace diez dias, el 15 de este mes de febrero. La dictó y firmó. Decia- me en ella hallarse prostrado en cama, con una fiebre hepática y que crei seguir así «até que me llevará a morte.»

Luego añadía:

«A sua ultima carta encheu-me de

Volví luego a Espinho, en uno de mis viajes a Oporto, nada más que para verle.

Al principio y antes de entrar en conversación con él, conociéndole sólo de vista, no me fué simpático. Se me antojó en el una pose, que no había. Luego, así que nos hablamos, así que nos miramos a los ojos, quedamos prendidos el uno del otro. Conversá- bamos largamente, a la orilla del mar tenebroso e trágico, a la puesta del sol, hablándonos de la ciencia y del destino humano, de la razón y de la vida. Yo le reprochaba un cierto científicismo; reprochabame él un cierto misticismo, todo amistosamente, mejor aun fraternalmente. Y fué él, Mauel Laranjeira, quien más me ayudó a penetrar en la visión del Portugal trágico, del Portugal de Camilo, de Antero, de Oliveira Martins, de Soares dos Reis.

Con fecha 11 de diciembre de 1908 me escribía:

«Amigo: Tem razão: Portugal é uma terra tragica, «trágica a la griega» e Camilo é, por assim dizer, o Sophocles da nossa vida fatídica. Atravéz da obra do grande suicida passa, ás rajadas, n'uma tempestade de entusiasmos e desanimos, em accessos, a rir e a chorar tragicamente, o espirito da terra portugueza. Essa obra reflecte, como V. deve ter visto, todo o nosso pessimismo de instincto, toda a nossa intuitiva philosophia do desespero. Anthero de Quental, ao contrario, raciocina e systematisa essa nossa nativa philosophia de desanimo. Camillo não: Camillo dramatisou-a, contou-a apenas. Ambos chegaron á mesma desesperadora conclusão, á mesma maxima de «fatidica sabedoria» no expressivo dizer da sua carta: um, Camillo, por instinto, atravez da logica do sentimento; outro, Anthero, atravez da inteligencia e da logica da razão. Se um é trágico como Sophocles, o outro é desesperado, estoicamente desesperado, como Epicteto ou Marco Aurelio.

Deixe-me servir d'uma imagem de optica: o desespero da alma portugueza reflecte-se na obra de Camillo, tal como é, como n'um espelho plano; e reflecte-se na obra de Anthero de Quental, como n'um espelho convexo, concentradamente.

Este principio de «fatidica sabedoria» ter-nosá permitido chegar, como V. as vezes crê — «al más triste fondo de la verdad humana?» Talvez, amigo, talvez. Afinal, o Homem, atravez da sua insaciavel conquista de verdades, que é que tem conseguido? Desfazer illusoens, desfazer illusoens, desfazer illusoens. Desmanchar illusoens é reducir o coefficiente de felicidade e por consequencia diminuir a possibilidade de chegar á terra prometida... ou desejada. O Homem só adquire uma verdade á custa d'uma desillusão, como vê, por um preço desmedidamente doloroso. A ultima verdade será a que nos desmanchar a ultima illusão — a illusão da immortalidade. No dia em que o Homem, assassinada a ultima esperança pela ultima verdade, adquirá a certeza de que a sua passagem na terra é um traço ephemero, e que a sua sede de eterno é um desejo perdido e vazio; nesse dia trágico, em que o Homem tenha de renunciar á sua loucura de absoluto... — já se sabe, D. Quijote tambem ficou cuerdo... para morrer. Para o suicidio! — não será afinal este o sentido da vida, da vida humana pelo menos? Talvez, talvez.

E talvez V. tenha razão, na verdade, em afirmar que Portugal, cá do extremo occidente, esteja de mãos dadas com o extremo oriente na contemplação da «terrivel verdade» da philosophia budhica. Não me espan-



Antonio Carneiro

1912 - III

«Se é certo que o universo é uma representação do nosso espirito, e eu creio que é assim, verdadeiramente o mundo só acaba para nós, quando morremos. O culto dos mortos é a afirmação intuitiva d'esta verdade raciocinada. Com o culto dos mortos nós afirmamos que esses, que parecem ter partido para sempre, de facto não morreram — e ainda vivem dentro de nós.»

Manuel Laranjeira

Su última protesta

Me ha dolido, pero sin sorprenderme, el fin de nuestro trágico amigo Manuel Laranjeira. Presentia que habría de entrar en él gran misterio por la puerta misma porque entraron en el Antero y Camilo, sus dos mayores devociones. Solo que ultimamente creí que la cruel enfermedad que minaba su vida no le daría tiempo a esa su última y suprema protesta.

Porque su muerte ha sido una protesta, y una protesta de patriota. Y no de patriota portugués precisamente — aunque lo era — sino de patriota de la gran patria, del universo, de patriota cósmico. Creyó que nuestra

alegria porque o vejo outra vez forte, vigoroso e sem aquelle abatimiento da sua primera carta.

Fico por aqui.

Adeus, meu querido amigo, até... não sei quando.

Do coração.»

Pobre amigo! «Hasta... no sé cuando. Si, hasta no sabemos cuando. Y se despidió de mi, para siempre, de corazón, el que llegó a ocupar un preferente asiento en el mio.

El, mi pobre amigo, ha protestado con su muerte contra el enigma de la existencia humana; yo seguiré con mi vida protestando contra él.

Le conocí en el verano de 1908, que lo pasé en Espinho, de donde tuve que salir precipitadamente al anuncio de la muerte de mi madre.



Manuel Laranjeira

(Desenho de Christiano de Carvalho)

taria que assim fosse: seria mesmo natural e humano. Isso significaria apenas que, tendo nós conquistado a Índia, por sua vez a Índia se vingou e nos conquistou a nós; que nós lhe conquistamos a terra e elas nos conquistaram o espírito; que nós lhe demos a escravidão e elas nos pagaram com a venenosa verdade da sua desesperadora philesophia; que nós os vencemos e elas nos venceram. E se assim é, se é isto «la cordura precursora de toda muerte», por que não haviam de dar-se as mãos desiludidos n'esta hora de cansaço e desespero, homens do extremo occidente e do extremo oriente, numa fraternidade dolorosa de vencidos?

De resto, já tive occasião de lh' dizer em outra carta, o que me preocupa não é morrer, é saber como, é saber se se morrerá nobre ou miseravelmente.

Y noble, nobilíssimamente ha muerto, sellando con su muerte su doctrina, esa doctrina expuesta en sus cartas admirables, en su libro *Comigo*, su testamento trágico.

Es fácil disertar fria y logicamente sobre el suicidio; no es fácil pronunciar sobre el sentencia con el corazón. Y por el corazón vivió y ha muerto Manuel Laranjeira, encendido en amor, es decir, en compasion hacia el pobre y trabajado linaje humano.

El dia mismo en que Laranjeira protestaba con su muerte contra la ilusión de la felicidad terrena otro portugués, pero éste un político, Magalhães Lima, gritaba en Madrid desde una tribuna pública que la felicidad está aquí en la tierra y que el libre pensamiento es optimista. Talvez, talvez esté aquí, en la tierra, la felicidad para los políticos cuyo oficio principal es engañar al pueblo engañándose antes ellos a si mismos, y por que el pueblo quiere ser engañado—*mundus vult decipi*—, pero para los enamorados de la verdad y de la vida la felicidad no está en la tierra. Talvez todo buen libre pensador sea e deba ser optimista, pero no lo es el libre creyente en el libresentidor.

Pobre amigo Laranjeira! Se ha hundido por mano propia en el eterno misterio cuando el misterio de una nueva vida se abre para su pueblo, para su noble y desgraciada patria terrena, para ese Portugal de los oscuros destinos. El ha corrido ya, nuestro amigo, su último naufragio.

«Até... não sei quando» me escribia en su carta de hace diez dias, echo antes de quitarse la vida. Pero yo espero, sigo esperando con una esperanza que surge del abrazo de la desesperanza de mi corazón con el escepticismo de mi cabeza, sigo esperando en la última ilusión, sigo esperando volver a sentir junto a mi al espíritu de mi amigo, y esta esperanza en el supremo milagro, esta esperanza en Dios, en Dios que hizo se cruzaran aqui en la tierra, el sendero del destino de Laranjeira y el mio, esta esperanza me dá fuerzas para seguir con mi vida y mi obra protestando contra aquello mismo que con su muerte ha protestado mi amigo.

Que haya encontrado en la paz última que la última verdad es también la ilusión última!

MIGUEL DE UNAMUNO.

Presado amigo:

Amigo lhe chamo, porque me comprehende. Na especie intelectual, julgo meus conhecidos, apenas, os que de leve me comprehendem; meus amigos, já muití afetuoso, os que já muito me comprehendem, e meus amigos fraternal, meus irmãos, os que absolutamente me comprehendem.

As suas palavras, na «Voz Pública», fazem-me crer que a nossa amizade, já hoje bastante forte e vinculada, se pode tornar indissoluvel.

A nossa divergência não é a de dois homens que vão ao revés, por caminhos contrários e antagonicos. O nosso caminho é identico. Marchamos separados, porque, embora proximos, algum de nós marcha adiante. Mas em breve, tenho essa fé, caminharemos a par e de mãos dadas.

Seu amigo cordeal,

GUERRA JUNQUEIRO.

V. do Conde, 30.

N. da R.— Esta carta foi escripta a Manoel Laranjeira em 1904.

Meu caro amigo:

Apresso-me a responder á sua carta para lhe agradecer o ter conservado a lembrança das minhas relações com o Manoel Laranjeira. Mas escrever d'esse inolvidável espírito, tão cheio de talento, não é possível fazer-se em meia duzia de linhas.

Manoel Laranjeira é das criaturas mais complexas que eu tenho conhecido. A sua simplicidade apparente rotulava a mais nervosa, a mais profunda, a mais requintada organisação d'intelectual. A Arte fôra buscal-o á Scienzia já n'aquella idade em que o homem atinge a sua maioridade mental e no espírito começa a eliminação dos preconceitos... Muitos vi eu ainda a marfanhados nas suas mãos magras e arrojados ao lixo n'um gesto de tristeza enojada!

O Laranjeira morreu cedo. Enriquecido da maxima somma de conhecimentos geraes, morreu antes que a sua poderosa mentalidade viesse a especializar-se n'uma cristallisação victoriosa dos seus talentos. Qual seria, não sei. Os que o conheciam de perto não saberiam responder. Um grande sabio, um grande poeta?

Não é verdade, meu caro Ramiro, que elle podia ser um grande sabio ou um grande poeta — ou as duas coisas conjuntamente? Abraça-o o seu devotado

JOÃO SARAIVA.

Lisboa, 10 — 3 — 912.

Madrid, 29 — 11 — 1912.

En el conjunto de los recuerdos de mi agradable verano en Espinho sobresale el de las diarias conversaciones con el efusivo Dr. Laranjeira; optimista cuando con frases, siempre cálidas y brillantes, disertaba sobre el progreso de las ideas cién-

ticas, y pesimista quando ponía su atención en el perezoso y egoista desenvolvimiento de la vida práctica. Esta, con la crueldad del dolor sin tregua, fué abatiendo el vigoroso vuelo de su noble idealismo, y rota la antes soportable compensación, el pesimista quedó indefenso.

Caiste vencido, caro amigo, pero tu caida no puede ser de las que se efectuam en la oscuridad y se contemplan con indiferencia, debe producir tristeza en toda alma generosa, y remordimiento en todo corazón egoista.

JOSÉ R. CARRACIDO.

Consciencia profunda

Deyo a Manoel Laranjeira algumas das raras horas verdadeiramente bellas, profundas e nobres de toda a minha existencia. Junto d'esse rapaz, que era a mais vasta e culta intelligencia e uma das mais finas sensibilidades que eu tenho conhecido, nunca a vida me appareceu sob o seu aspecto mesquinho, ou torpe. Como ninguem, Manoel Laranjeira possuia a facultade admirável

taram. Só lhe importava a conquista e o amor dos seus ideias. E a sua consciencia era, por isso mesmo, um fóco resplandecente de belleza moral; e um refugio para todos aqueles que, na lucta quotidiana, perdiham a fé no valor supremo dos actos honestos e dos pensamentos purificadores.

Manoel Laranjeira foi um artista e um sabio, um poeta e um pensador. Foi um cerebro excepcional, um talento como poucos tem havido na nossa terra. Muito ha que dizem sobre elle, muito... Hoje, porém, n'esta hora que é ainda de inexprimivel magua para todos os seus amigos, quero sómente evocar, da sua extraordinaria figura, aquellas altas qualidades de carácter, cuja lembrança saudosissima nos deveria ter feito ajoelhar junto do caixão que o levava; e beijar, commovidamente, a sua mão já fria, mas crispada ainda no gesto corajoso e terrible que foi a ultima, evidente prova da inteireza, da nobreza, da heroicidade de sua alma...

1912. Fevr. 28.

JOÃO DE BARROS.

Manuel Laranjeira é, pelo idealismo e pela intensidade dolorosa da sua arte, um intelectual suggestionado pelas altissimas individualidades que symbolizaram a dor collectiva portugueza durante o periodo de evolução social operada pela falencia do constitucionalismo.

Se elle não pôde reflectir, exteriorizando-o em obra duradoura, o sofrimento que a sua organização de hyper-sensível recebia do meio ambiente, é porque elle foi um extemporaneo, desintergrado já da corrente que orientou a evolução do espírito nacional dos ultimos vinte annos. Manuel Laranjeira, que fizera a sua educação sentimental na escola antheriana, era pela sua cultura scientifica e sociologica um revolucionario. O seu scepticismo doentio estava em contradição com a sua fé renovadora. Tal dualismo divergente lançou-lhe no espírito o germe do desalento na sua acção, que elle como homem superior ambicionava intensa e fecunda.

A sua esthesia de desalentado, o seu isolamento, a sua dor até á tragedia do suicidio, tudo o irmaná á geração de intellectuaes neurasthenizados pela intoxicação collectiva, contra a qual as energias sociaes não poderam, n'essa época, desde logo reagir.

O desanimo dos representativos do espírito nacional—Anthero, Herculano, Soares dos Reis—foi a consequencia da apathia dum povo perante o esforço inutilizado na revelação da dor social, que teimou em permanecer no domínio da sub-consciencia popular sem a correspondente reacção salvadora.

Foi esta a phase dos intellectuaes suicidas...

Mas o sofrimento accumula-se e a consciencia collectiva, incompletamente esclarecida ainda sobre a natureza e importancia dos seus males, começa a atribui-los a idólos, cujos europeis brilhantes entrevê como falsos.

Inicia-se a phase dos iconoclastas. Junqueiro, Fialho, Eça, Bordallo, Ramalho, Gomes Leal, foram os fundibularios do sarcasmo.

Apeliam a pedestaes vencionais, mentiras a hypno, segando e a collectividade, para ir claro e sentir justo.

Desvendada a degradação não procura occultar os se quer manter, impenitente embora, para viver, aggrave a instituições, toda a trama pathologica da doença de que enfermava a naldade.

O sentimento vai a actos.

Já é incoercivel a ne renovação.

O idealismo abandona de marfim impellido pela social, que crispa mãos, que da multidão o rictus colérico, destruir para reedificar.

Apparece a phase dos affonso Costa, João Ch. Almeida, Bernardino Machado, os outros encarnam a alma na obra de solidarizar as vontades extinguirem a dor social pela revolução. Dos intellectuaes alguns, por se integraram n'esta ultima phase lutativa, contra toda a logica do seu sado de audazes combatentes.

E' que estes serviram idéas e princípios por diletantismo intellectual e n'por sentimentos derivados do ambiente de que se isolaram no seu egoísmo e individualistas felizes, insensíveis a sofrimento que os cercava.

As grandes crises sociais têm esse maravilhoso poder de nitidamente definir tudo o que de util ou pernicioso existe na collectividade, que necessita renovar-se para garantia da sua continuidade historica; são uma especie de balanço seleccionador dos elementos progressivos que é necessário mante como legado do passado para o futuro, depurados dos elementos que podem entravar a progresso.

Mas abandonemos esses transfugas d'uma causa, pela qual dispenderam o melhor do seu talento, com o desprezo que merecem todos os renegados...

...Manoel Laranjeira, que pela cultura scientifica pertenceu á ultima geração, á revolucionaria, faltava-lhe a fé combativa para a accão funda e renovadora. O seu scepticismo deitou-o á esterilização. Elle prehendeu que o esforço só é justo quando o anima a frença... O Não é um transfuga d'um qualque nobre adepto que se tem de encontrar em si a quem o aqueça na aancia de rea torna seus ideias.

J. M. filoso critic Ma grau penet N

Aun no hace dos qual llegó el libro de Manu «Versos de um solitário» abriendo una carta, encuentro N palavras dichas con la cruel ificilez de quien cree dar una nsia casi indiferente: «Manuel Lanco se ha suicidado de un tiroz volver. Hoy ha sido el ei H. Despues, me piden unas lineve ra un homenaje...»

¡No sé, Señor, no sé! Yo no La escribir unas lineas para e in fria... un homenaje... unico, especial... Yo no puedo, itári do hacer literaturas para entender Manuel Laranjeira era, es deelle para mi, para esta casa more mi entendimiento, para mi no Manuel Laranjeira es uno ult



Manuel Laranjeira

(Caricatura de Amadeu Cardoso)

más que alma en la «familia o quisimas ni vida se ecido irre

fumes de mi felicidad. essa familia de ilusao... jido, immedio, lleno de luz, o como una revelación.—jEse alma cuando un tedioso mediodia de Espinho le vi en el aun más tedioso salon del Hotel Braganza. Y ora verdad. Aquel paradojista sentimental, aquel determinista poeta, no sé si medio loco ó medio santo, aquel escéptico que iba por el mundo con el corazón en la mano, aquel pensador original, sutil, erudito, medico, sofista, crítico agudo, y, so-

lusão»—dice en una de sus cartas—crênde sempre na bemdita illusão? Deus (se isso existe) lh'a conserve. A vida só é «saborosa para os que têm fô. E' preciso crér em alguma cousa —nún zero, na morte— para achar um sentido á vida, para não dizer que a existencia é a mais louca das phantasias que Deus (?) teve. Eu tambem creio; creio na vida cursi, na vida ordinaria, e no infinito aborrecimento de tudo..

«Bem vê, amigo: sou un homem immensamente feliz! Tan feliz, que, se a morte não fosse una cursileria romanesca e disparatada, suicidava-me.

«Não faça caso, amigo: isto em mim é uma crise de tédio negro (negro, não, tédio gris, tédio sem cõr—o peor) que passará. No fundo, eu detesto o pessimismo e a tristeza:

Fragmento de la Ballada que inspiró a Manoel Laranjeira su Prefacio lirico



bre todo, bueno, tremenda é inversimilmente bueno, era algo mio, bromio, y la soldadura cordial de entendimiento á entendimiento fué indestructible y única: hecha en un segundo, con la firmeza de las más lentas cristalizaciones, amistad «hasta la muerte» desde el primer apretón de manos.

Hasta la muerte... Tan pronto llega eso? Tan cercano está el fin, tan breve es el plazo de la inmensa promesa hasta la muerte? Es posible que ya no pueda yo decir á nadie nunca, nunca, ciertas cosas que al venir á mi espíritu he callado, pensando: Esto se lo diré á Manuel Laranjeira... esto no ha de entenderlo nadie más que él? Es posible que tan sencillamente se haya borrado del mapa intelectual y cordial de mi ser un pedazo así de Tierra Prometida? Que enojo de egoísmo de pensar que al escribir mi primer nuevo libro, no he de poder decir sobre una linea, sonriendo al antípico de una gozosa complicidad: ¡Esto le ha de gustar a Manuel Laranjeira!

A los treinta y cuatro años, á los treinta y cuatro años ¿que derecho tenias, corazon de elección, espíritu selecto, alma diferente y extraña, á dejar el mundo? Tú, que ya no creias en ningún más allá ¿cómo has podido cerrar tan pronto para siempre los ojos á la realidad única del mundo?

¡Ay, Portugal, tierra hermosa y maldita, que llevas en tu misma hermosura la negra simiente del suicidio! ¡Qué les das á tus hijos para que así deseen el silencio trágico de la muerte? ¿Qué desconoces amarguras les pones en los labios? ¿Ó que sirena canta desde tus bares, alucinando el alma de tus egidos? Esta noticia negra que ora me hace llorar, no me ha sorprendido: la muerte de Manuel Laranjeira es incomprendible, pero el suicidio estaba descontado. Lo llevaba en los ojos portugueses, en ese trío pelo traidor, que parece esconder insospechadas y tenaces melancacias.

Mi alma no puede con sus penitentes. Como en Hamlet, los Pisamientos desbordados han roto el vaso de la vida en este soñador datinado, que siempre se burló de sus propios sueños?

Meus silenciosos parentes de il-

de vasta elaboração mental, escripto em algumas semanas apenas — o poeta e o polemista, juntamente com o erudito, marcando á face da scien- cia, o logar proprio da Cartilha Maternal, que aparecerá como produ- cto de pura intuição.

Que o Laranjeira não foi só um alto espirito de escriptor, mas um apóstolo — dos raros que neste paiz, tendo talento e tendo carácter, possem uma intelligencia — attenta, reflectida!

Fevereiro — 28.

JOÃO DE DEUS RAMOS.

Dr. Manoel Laranjeira

Ainda mal refeito da tristeza que me provocou a morte tragica do Dr. Manoel Laranjeira, recebi o convite para me associar á homenagem que os seus amigos e admiradores desejam tributar á sua saudosa memoria.

Faço-o na realidade como amigo e admirador mas mais ainda com o dever, que julgo indeclinavel, de não me furtar, solicitado a contribuir para a consagração d'um bello espirito.

Accedendo, sinto apenas que as expressões que aqui exharo não traduzam a intensidade do meu sentimento, nem correspondam á grandeza do temperamento accentuadamente artístico de Manoel Laranjeira que estimei como discípulo vivo, inteligente e bondoso, aprecio como polemista ousado e esclarecido, varrendo a golpes d'originalidade, em estylo brilhante, vibril e ironico, por vezes até irreverente, já a mediocridade d'alguns, já os preconceitos artisticos a que se não podia submeter o seu espirito irrequieto e que admirei como poeta, ferido na sua pujante ideação pela dyscrasia somática que o arrastou á morte.

Profundamente intelectual, feixe de nervos, verdadeira pilha de elevado potencial e facil descarga, mas de complicação delicada, o Dr. Manoel Laranjeira seguiu as tendencias do seu espirito: em medicina foi levado para o campo da nevrosidade, de que o seu bello estudo «Doenças da santidade» representam um documento notável; na litteratura e na arte asteou o pendão ou-sado da originalidade e da vibratilidade, imprimindo á suas críticas, á sua conversa e ás suas produções, o encanto d'uma vida intensa, o interesse d'uma sub-pujante paixão artística, a belleza d'um colorido de phrase e o imprevisto d'un conceito fulgurante.

Que os seus amigos lhe reunam a obra dispersa como a maior e mais útil das homenagens devidas ao saudoso extinto, é o meu desejo e o voto de todos!

ALBERTO D AGUIAR.

Meu caro Ramiro:

Quando ha dias, em casa do Antonio Carneiro, esse raro e recatado Artista, V. me fallou em collaborar n'uma homenagem que «A Gazeta de Espinho» vae prestar ao pobre do Manuel Laranjeira, não calcula o quanto me foi grato esse convite.

E' que, quando vi nos jornaes, outro dia, a noticia da morte d'elle, eu fui dos que a senti dolorosamente, sentindo a perda do amigo e a perda do scientist.

Passou-me por deante dos olhos a sua «obra» que a tinha, e passou-me sobretudo a que tinha a realizar.

Passou-me esse... «Amanhã» esplendido de luz e de castigo, onde se lhe vê a Alma aberta para um Ideal longíquo de perfeição, varrendo n'uma rajada violenta de consciencia justa e serena o Preconceito; passou-me esse encantador estudo sobre o «Nirvana» que elle publicou no «Posto Medico» em 905 e 906, onde a par da interpretação do dogma budhico, elle espalha, com uma prodigalidade de ricaço, notícias abundantes e curiosas do seu saber e muito especialmente notas pesonalissimas da sua orientação philosophica.

E veja V.: isto aos vinte e cinco

anos! Quando todos nós estragamos o nosso tempo, preocupando-nos com ninharias e larachas, o Laranjeira aparece-nos já o homem feito, com orientação segura, com criterio proprio, sabendo *ao que vem!*

Depois são artigos esparsos por jornaes e revistas, escriptos nas mezas dos cafés, no convívio dos amigos, zurdindo com indignações justiceiras, a mediocridade indígena que lhe irritava os nervos com a sua petulancia tola ou com a sua philaucia presumida.

Do seu ultimo livro, dos seus versos, que eu só conheci depois da morte d'elle, e que li d'um folego, febrilmente, ficou-me a impressão desolada das coisas irremediaveis; atravez d'essa leitura eu consegui ver bem nitida toda a lucta intima e implacavel travada adentro d'essa Alma que amava, n'um anseio inquieto, a Vida e que sentia, palpava, via a victoria da Morte!

Mas ah! O insubmisso de sempre não podia deixar-se subjugar, e n'um esforço ultimo *venceu* ainda!

... E medra, e pullula, e triumpha por ahí tanta mediocridade!

Como é desolante!

Ah! meu caro, como é bem tristemente certo que... «Afinal os homens superiores pagam bem caro a sua superioridade»!

(Da «Doença da Santidade»).

Gaya, 20 de Março de 1912.

Seu,

MANUEL DE CASTRO.

“Commigo,,

Este livro, a não ser para os intimos do auctor, deve ter causado uma certa surpresa: a surpresa que nos trazem as obras dos artistas e poetas, que nos habituaram a ver quasi sempre como espiritos criticos.

Nos trabalhos de Manoel Laranjeira resalta um espirito avido e brilhantissimo, que se compraz nas ventanias salutares das ideias, no choque

alma». Tanto melhor para Manoel Laranjeira. Os poetas são ainda, na derrocada de tanta coisa bella, os enviados da Belleza eterna. No marrulho sinistro da vida, são elles ainda os mergulhadores mysteriosos, que vão encontrar, como n'um velho conto escandinavo, certa flor que ninguem via... E não são apenas os poetas entusiasticos e intensamente lyricos; são tambem os neotistas, como Manoel Laranjeira. Cantar é ainda crér: pelo menos crér em que vale a pena cantar!

Os seus versos são, decerto, d'um pessimismo melancolico. Elles não vão poifar afinal, como os de Anthero, «na mão de Deus, na sua mão direita». Assim, o ultimo terceto do volume, que fecha um dos sonetos dignos do grande poeta suicida, exclama:

«E não me assusta a morte! Só me assusta Ter tido tanta fé na vida injusta, ... E não saber sequer p'ra que a vivi!»

*
Mas não! O poeta luctou, e portanto, amou e creu.

«Vida de lucta é um credo Rezado em actos...»

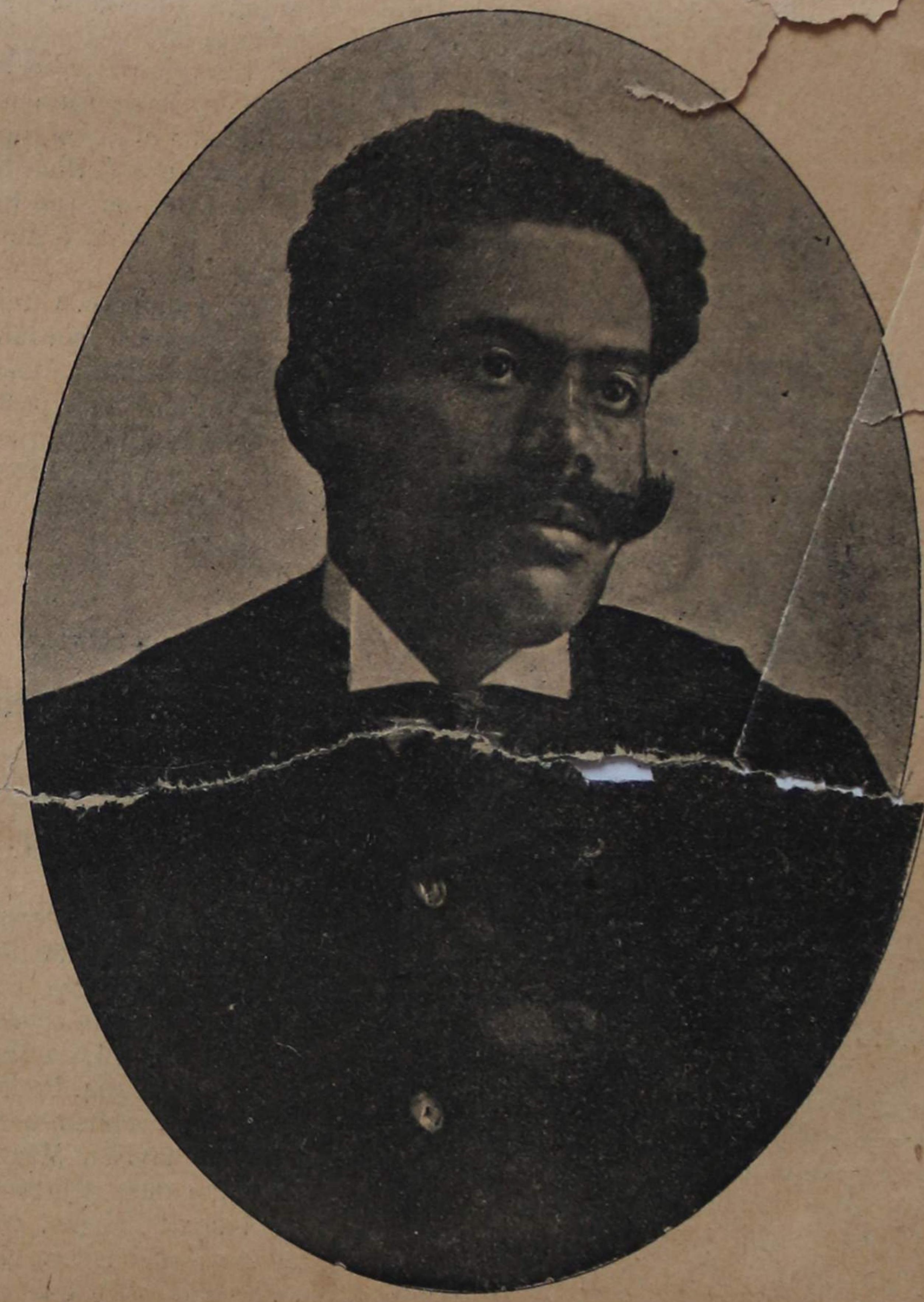
diz o auctor. Viveu-a para isso,— como todos os que vão, pouco a pouco, no deserto enorme, deixando de ver miragens.

«E que pesadas que são As azas que já perderam A derradeira illusão!»

De acordo; mas para as perder viveu-as!... E é d'ahi que vem a dôr antiga e longa, que passa como um bater de grandes asas negras pelos seus versos e pela sua alma.

Entretanto, quem diz ao poeta que não podem transformar-se as suas chimeras? Quem poderá afirmar-lhe que na vida profunda das emoções e das ideias não nascerá outra ilusão que valha tanto como a verdade?

*
Ahi está uma poesia a que nós chamariam philosophica, se o ter-



Manoel Laranjeira

(Último retrato)

por vezes contraditorio das theorias, homem de ciencia e homem de arte, certamente (provam-no até os seus notaveis estudos criticos), mas que não nos deixava adivinhar aquelle poeta, capaz de, em formas simples, e por isso mesmo mais belas, cristallizar as suas emoções e os seus pensamentos revoltos.

Era um mar bravo, que difficilmente julgariamos capaz de ficar limpido e profundo no crystal dos versos...

Pois ficou! Este livro *Commigo* é um dialogo do poeta com a sua

mo não estivesse absolutamente desacreditado e deturpado por alguns mystificadores insignificantes. A forma de Manoel Laranjeira não tem exuberancias plasticas, opulencia de rythmos, arrebatamentos peninsulares: é emotiva, lucida, transparente. Como Anthero procura as linhas nobres e simples. E como esses versos são pessoas e evidentemente vividos, elles trazem um calor e um fulgor singular. A larga poesia de abertura, os versos *A tarde*, o *Pre-facio lyrico* e alguns sonetos, entre outras, são poesias d'um verdadeiro,

um original, d'um admiravel poe-
tico. D'esses versos—que pena que sejam tão poucos!—poderia dizer-se o que um grande pensador disse dos periodos de Montaigne: «Se os corrassemos, deitariam sangue».

E' que não ha outra receita para poemas verdadeiros: é preciso sofrer, é preciso amar—é preciso vivar.

Os versos de Manoel Laranjeira em a emoção das suas ideias, e as vezes o bater do seu coração. *«Comigo é uma livro infelizmente pequeno, mas que não se esquece nunca.»*

JULIO BRANDÃO.

N. da R.—Palavras escritas poucos dias antes da morte de Manoel Laranjeira.

Era, intellectualmente e moralmente, uma figura muito complexa o dr. Manoel Laranjeira. Não cabe aqui, nem seria oportuno nesta homenagem dos seus amigos, definir-lhe o muito menos explicá-la. A dôr, o sarcasmo, as lágrimas, o riso, a revolta viviam juntos nessa alma atrabilida que se buscava buscando a melhor para si e para os outros. No seu espírito coexistiam, em solicitações opostas, a paixão e a análise—o poeta e o homem de ciéncias. Dai, esse nervosismo—o nervosismo dos insatisfeitos e dos não instalados. A sua inteligência pronta, a sua permanente avidez de saber, a sua variada e invulgar cultura toda sistematizada e bem moderna, a sua conceção da vida constituiam nêle um modo de ser muito especial, vivaz e agitado. Parecia que as ideias viviam dentro do dr. Manoel Laranjeira numa ebullição contínua, que vibrantemente se comunicava á sua atitude, á sua voz e aos seus gestos desordenados. Discutindo, era tenaz até á intolerância, e todo cheio dessa aspera altivez dos que se capacitam de que têm na mão a forma algébrica da verdade, e, para a vinar, absoluta confiança em si próprio, como ele tinha no seu cerebro, de facto robustecido de saber e a lampazar talento.

Medico, sociólogo, critico, escritor e conversador incansável, dispersou as suas faculdades. Na critica de arte (genero em que mais escreveu) era um ideologo que tudo conduz para dentro do grupo de ideias em que se fixou e as quais, «à priori», busca na obra exposta. Assim, deante de um trecho de arte—livro ou escultura, sinfonia ou quadro—o que, sobretudo, o impressionava era a porção de ideias que essa obra continha, não a intensidade e qualidade em que era revelada, e o valor expressivo, representativo dessa emoção exteriorizada em arte. Para ele a ideia dominava a sensação, e o tema era tudo, para a plasticidade ser coisa secundária, como que se não fosse indiscutível verdade que a arte só começa quando a forma começa! Dentro desses princípios, (para não dizer dentre dessa insensibilidade) seu espírito intercessor, erguia-se, no entanto, alto, muito alto, e disso deixou provas em notáveis artigos espalhados em revistas e jornais.

Como artista, teria o dr. Manoel Laranjeira um poder realizador igual ás suas exigências críticas, á sua febril ânsia de edificar, de crear, com essa individualidade que exigia de si, feita de revolta, de grandeza, de novidade? Com certeza que sim, uma vez que fortes crises moraes o convulsivaram, pois que o seu temperamento era dos que em si absorvem a dôr intensa e ainda avolumam com interpretações tragicas. Seriam grandes, de certo, os conflitos que se dariam entre o seu feitiço de paixão e o seu espírito de análise—ele para quem a vida era campo formidável do estudo da dôr! Infelizmente, porém, a morte levou-o cedo, muito cedo, não permitindo que essa obra se fizesse. Em Portugal, onde os poetas de valor morrem no flôr dos anos, os cemiterios são bibliotecas de poemas ineditos!

Porque as suas últimas desventuras muito me tocaram, aqui lhe deixo estas palavras de homenagem ás suas qualidades do seu coração sempre constrançado, por intimas atribulações e duros scepticisms, a guardar-se em si-

lêncio, menos para os que foram seus particulares amigos os quais hoje, justificadamente, o choram inconsolavelmente.

S. Moritz, 4—3—912.

ANTHERO DE FIGUEIREDO.

Manuel Laranjeira

Não me permite a cainhez dum artigo de jornal, atabalhoadamente escrito, sob uma impressão dolorosa de mágoa e de saudade, que eu diga de Manuel Laranjeira o que mereciam a sua obra e o seu talento.

Eu que fui, de entre os seus companheiros, um dos que primeiro admirou as preocidades da sua inteligência, e viu as suas tentativas litterarias iniciais, poderia dizer como o seu grande espírito se educou e constituiu, e como, de desalento em desalento, de ruina em ruina, esse corpo e essa alma bruscamente se aniquilaram!

Manuel Laranjeira, pela sua cultura, pela pujança brilliantissima do seu cérebro, seria em toda a parte, uma individualidade privilegiada e inconfundivel.

Outra saude, outra herança orgânica, um meio que o tivesse podido acorçoar, teriam feito desse inditoso moço uma das maiores figuras litterarias da nossa terra.

Os seus derradeiros versos, antherianos pela forma em que se vasam e pela profundeza philosophica do conceito que os anima, desesperados pela impossibilidade duma vida que se sonhava e se dissipava, alucinantes, cheios de grandeza e verdade, dão bem a medida da trajectória do seu espírito. O homem que tanto rira, que tantas vezes afivelara á mascara cheia de rictus a satyra que esconde a dôr, patenteava-nos a resignação de um condenado que aguardava sereno a libertação.

O suicídio é em Camilo, como em Antero, como em Manuel Laranjeira, o epílogo inevitável de existências similares.

Como tantos, Laranjeira poderia ter produzido muito, imensamente mesmo. Afinal, a sua obra em que aqui e alli palpita uma faulha de genio, em que ha arte, em que ha verdade, é, como a sua vida e saude—precaria e incerta.

Manuel Laranjeira morreu. Cumprę aos que o admiraram e amaram recordar-lhe e alevantar-lhe o nome.

Tem jus a isso o pobre escritor. Bem o merece o companheiro querido que para viver a vida tanto a soube sentir e por ella sofreu!

29—II—912.

EURICO DE SEABRA.

Amarante, 29—Março—912.

Meu bom amigo:

Quando recebi a sua estimada carta, terminava eu um artigo sobre Manoel Laranjeira para o proximo numero da «Aguia». Este artigo sáe como comentário a uma carta de M. Laranjeira que ele me escreveu em 1904. Possuo outras ainda que talvez venham a ser publicadas na mesma revista. Manoel Laranjeira foi um dos mais nobres espíritos do nosso tempo e digno, portanto, de todas as homenagens. Não calcula a terrível impressão que me causou o seu suicídio!

E todavia era de esperar tão trágico acontecimento. O seu modo de pensar e de encarar a Vida conduziu-o aos reinos da morte. Embora! a sua alma verdadeiramente nobre, n'uma época quasi que feita de baixessas, ficará sempre viva na admiração e no amor de todos os que tiveram a rara felicidade de o conhecer!

Eu fui um d'esses felizes. E por isso escrevi, com as lágrimas nos olhos e o coração nas mãos, as rápidas mas sentidas palavras que a «Aguia» trará no seu proximo numero.

Se entender que esta carta lhe pôde servir para a «Gazeta de Espinho», disponha dela como quizer. Compõr outro artigo, sem me repetir, é impossível.

sivel, pois não é verdade? O seu esclarecido espírito concordará comigo.

Sempre ás suas ordens, amigo dedicado

TEIXEIRA DE PASCOAES.

Alguem

Manuel Laranjeira foi um grande desgraçado como todos os homens que nasceram para acreditar na desgraça, sobretudo na sua propria, em contraste com aquelles que têm necessidade de acreditar na felicidade universal. E' preciso no entanto não esquecer que, tudo sendo relativo, o pessimista que nasceu com o dom de tirar do seu pessimismo uma obra profunda e generosa, é muito menos desgraçado do que o pessimista sem talento que nem sequer adivinha que a sua dôr pode criar uma obra de arte. Poder-se extrahir da desventura, quando para isso se possue um alto espírito e um grande coração, com que tornar os outros mais desgraçados, é ainda sentir um pouco de felicidade. E essa felicidade, ao menos, sentiu-a Manuel Laranjeira.

Muitos—quanto!—nesta terra de sonhadores e pessimistas, de idealistas e de scepticos, dariam por compensada uma boa parte da sua desgraça com a condição de, tão intensamente como o nosso querido morto, saberem exteriorizar o seu drama íntimo e torturante. Se é certo que esta razão não basta para recusarmos as nossas lágrimas áquelle que comosco viveu numa intimidade fraternal, de todos os dias e de todos os momentos, indica-nos, com tudo, a medida em que o devemos chorar.

Aguda—março—1912.

RAMIRO MOURÃO.

Para aquelles dos seus admiradores que não o conhecem bem de perto, Manoel Laranjeira era *apenas* um homem de talento, um espírito culto e brilhante, cheio de audacia e de revolta, um delicado e impressionabilissimo temperamento d'artista. Mas, para aquelles dos seus amigos que gozavam, a um tempo, as primícias da sua lucidíssima inteligencia e o privilegio da sua intimidade, elle era mais alguma coisa: —um affectivo.

Tinha um grande e generoso coração!

A desgraça alheia confrangia-o de uma maneira atroz, doentia por vezes, a elle que em tão pequena conta teve sempre o sofrimento proprio!

Um dia, em Espinho, estando num grupo de amigos, foi abeirado por um d'esses interminaveis «fainéants» que por ahí mercadejam a caridade do proximo. Discutiam-se, se bem me recordo, coisas litterarias, a que o nosso saudoso morto, com o seu penetrantissimo espírito de critica, sempre original, a miúdo irreverente, d'um exquisito sabor á Nietzsche, dava sempre um relêvo que prendia, ora com o imprevisto d'um paradoxo, ora com um commentario scintillante.

O vadio, lamuriando as tartufices da praxe, estendeu, confiante, a palma concavada, na qual Laranjeira depôz, desprendidamente, sem interromper a interessante cavaqueira, o almejado óbulo.

«Você não vê», observa então um do grupo, «que esse homem são e escoreito como é, nada produz precisamente porque Você e outros como Você lhe alimentam o vicio da mandria?»

E o bom do Manoel, esboçando um gesto de ingenua surpresa e com aquela vivacidade que fazia d'elle um inconfundivel «causeur»:

«Homem! Eu não duvido de que elle seja um vadio; pôde ser tudo o que Você quizer. O que você me não garante é que elle não tem fome!»

Era assim aquelle extraordinario coração!

Raras, rarissimas vezes se fez pagar pelos seus serviços de bom medico que era, elle que tão modestamente viveu sempre e que, pela sua nobre profissão, poderia ter auferido bons proveitos sem desdouro para a sua consciencia.

Quem o via calcurriar as ruas d'Espinho, com aquelle passito miudo e nevrotico que lhe era tão peculiar, a face vincada pelo sofrimento e os olhos

piloados pela insomnio, mal sabia que grande, que incomparavel Alma se albergava dentro d'aquelle corpo morbido e resequido.

Era um sarcasta implacavel! Quando ria, com aquele gargalhar estridente que era bem uma descarga dos seus nervos irrequietos, o seu riso tornava-se d'um contagio hilariante. Tinha, por vezes, aquelle «humour» agri-dôce de Schopenhauer...

Muita gente o supoz erradamente a coberto das paixões humanas, fazendo-o viver exclusivamente pela Arte e para a Arte, e elle amou... e sofreu as correspondentes desillusões como um simples mortal que era. Para elle o Amor era a mais efficaz das terapeúticas para as almas doentias. Os seus versos são repassados d'aquelle infinita e amargurada tristeza que só quem amou sabe comprehendêr em toda a sua verdadeira intensidade.

Se, pelo talento, foi um dos homens mais illustres do seu tempo, pelo sentimento foi tambem um dos melhores.

Viveu pelo cérebro e pelo coração o querido Manoel, o que se vai tornando cada vez mais raro n'estes dias de mediocridade e de egoismo que vamos atravesando...

Que descance em paz o desventurado Amigo!

Março—1912.

J. VALENTE PERFEITO.

A respeito de Manuel Laranjeira eu pouco sei dizer e muito pouco quero escrever. Devem-lhe muito o meu coração e o meu espírito, para que alguma coisa possam significar as descoloridas palavras que aqui conseguisse deixar em homenagem á sua memória querida entre todas. A divida do coração é no entanto maior. Disciplinador e mestre da minha maneira de ser, muito lhe deve por isso o meu espírito! Mas como essa divida me parece pequena ao lembrar-me o que lhe deve o meu coração pela cura de algumas devastadoras crises morais porque teño atravesado!...

Não sei, nem quero dizer mais. Hoje, mais do que nunca, me são queridos estes versos de que elle tanto gostava:

Como tenho a minh'alma torturada
Por saber dizer pouco e sentir tanto!...

FERNANDO MATTOS.

Ultimo adeus

*De aereos cantores turba alada
virá chorar seu duro apartamento!...
Das donzelas gentis triste lamento
nos céus retumbará!... Lua entoldada
de escuras nuvens deixará cercada
a patria em noite eterna...*

Espinho, Março de 1912.

HENRIQUE P. DE SOUZA MONTELOBO.

A amizade que provém do interesse, não dura mais do que as dadias.

OVIDIO.

Disse um poeta:
«Depois da morte, as coisas parecem maiores e o nome dilata-se.»

Refere Plutarcho que Agesilaus, ouvindo louvar um individuo, muito feliz e venturoso, disse: Ainda lhe não chegou a morte; passada ella, nos maus se encontra alguma bondade, e, nos bons, o valor e a virtude mais se ilustram.

Estas affirmações não sofrem contestação.

Chateaubriand dizia que «muitos engenhos se perdem, por não terem quem os auxiliie», engenhos que, como a vide, muito podiam produzir, se tivessem quem os auxiliasse, quem os levantasse.

O dr. Laranjeira é um exemplo brilhantissimo d'esta verdade.

O seu engenho foi levantado e produziu; muito mais podia produzir se a morte o não arrebatesse tão cedo.

Produziu ainda sincera manifestação d'amizade, esta amizade desinteressada (é tópico a amizade que se funda no interesse) que agrupa em roda d'elle os amigos que, n'este dia, prestam á sua memoria uma profunda saudade.

JOSÉ PINTO DA SILVA VENTURA.

Seria supranjera e da do isso que homem de ci dramaturgo, o filosofo, n'este numero o ta em que colabaram tantos de lettras do nosso pâiz e alguns gloriosos da nossa vizinha Hesp.

Simplesmente quero associar homenagem de comovida saudade que a «Gazeta» presta hoje á memoria do nosso querido amigo tão abruptamente arrebatado ao nosso convívio, cumprindo assim um dever da mais intima gratidão.

Creia-me seu amigo,

ALFREDO DE BERREDO.

Espinho, 24 de Março de 1912.

E não mais vereis esse scintilante cavaleador que foi Manuel Laranjeira, entre quantos frequentavam a nossa pittoresca praia d'Espinho, e que horas esquecidas escutavam a verve esfusante do grande eruditio. E morreu aquell le grande espírito!

Como a sua alma em trevas soffria aquelle martyrio de sete meses! Que o digam essas endechas que quasi ao despender-se da vida elle nos lega e em que tão fielmente se espelha a sua alma de martyr.

FLORIDO TOSCANO.

Manoel Laranjeira

Era tão complexo, tão fóra do comum, que difícil—senão impossível—fôr definir, com exactidão, a personalidade do nosso saudoso morto.

O seu suicídio, precedido de commoventes e inscritos preparativos, demonstra a indôfe invulgar de Manoel Laranjeira—individualidade de extraordinário relêvo em qualquer meio social.

Curiosa figura!

Apesar do seu todo aparentemente desordenado, exercia involuntaria força de atração—aquella que resulta do talento e da bondade.

Ahi estão a testemunhal-a as lagrimas que embaciaram os olhos de muitos que assistiram, compungidos, ao desfile, grave e solene, do saímento que o acompanhou até ao humilde covelo por elle próprio escolhido dias antes de tragicamente pôr termo ao seu tormentante sofrimento.

Singular organisação!

Alastremos de flores a sua campa, como prova de sincera e profunda saudade.

E' a mais simples maneira de prestarmos homenagem á sua memoria—a que mais lhe qudra, porque Manoel Laranjeira era avesso a convenções ridículas e espalhafatosas, mas amava as flores.

<p